

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA DE ESTUDANTES AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rochele Karine Marques Garibaldi¹
Camilla Santos Feitosa²
Izabela Camila Fornazier de Freitas³

RESUMO

Ao documentar pedagogicamente o cotidiano escolar no contexto da Educação Infantil, criamos elementos de memória, recuperamos episódios e acontecimentos vividos, valorizando todas as formas de expressão da criança, dando ênfase à fala nos momentos de rodas dialógicas. Quando pensamos em estudantes autistas não-verbais, embora eles não vocalizem suas percepções, notamos que se utilizam de emoções e expressões faciais que representam de forma significativa e com bastante sentido suas aprendizagens. Dessa forma, no presente trabalho buscamos compartilhar a produção de uma documentação pedagógica, a partir dos registros de momentos e propostas desenvolvidas com um estudante autista não-verbal pertencente à Educação Infantil, pelos quais buscamos conhecer a criança e suas histórias; compreendendo-as como fundamentais na organização e reflexão sobre o desenvolvimento e aprendizagem dela. Nossa metodologia fundamentou-se nos princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky (1994, 1998), abrangendo estudos sobre o autismo (ORRÚ, 2003, 2008) e documentação pedagógica (BARBOSA; HORN, 2008), ancorados em perspectivas que concebem as contribuições da mediação e o estudante como sujeito de sua aprendizagem. Nesse sentido, a ação pedagógica é registrada de modo reflexivo, e para além das atividades impressas, os registros analisados se mostram significativos e permitem organizar e descrever as expressões da criança, contribuindo assim com a avaliação em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Como resultados, identificamos que cada registro presente na documentação pedagógica está carregado de expressões e mediações que permitiram ao estudante autista, de uma maneira mais representativa o possível, participar ativamente das experiências vivenciadas no cotidiano infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Documentação pedagógica, Autismo.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, cuja proposta pedagógica deve ter como objetivo “garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens”. BRASIL (2010, p. 18). Mas ao documentar pedagogicamente o cotidiano escolar infantil, além dos processos de apropriação dos conhecimentos, criamos elementos de memória, recuperando episódios e acontecimentos vividos; nesse processo, todos os envolvidos

¹ Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, rochele.garibaldi@ufu.br;

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, camilla.feitosa@ufu.br;

³ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, izabela.fornazier@ufu.br.

constroem historicidade e vivenciam processos coletivos, ao mesmo tempo, preservam a singularidade de cada um (BARBOSA; HORN, 2008).

Por documentação pedagógica, pelos conceitos de Marques e Almeida (2002, p-416-417), compreendemos:

Em linhas gerais, podemos conceituar documentação como sistematização do trabalho pedagógico, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados durante o processo. [...] A documentação pode ser considerada práxis reflexiva sobre o projeto e sobre a vivência, processo ligado à programação e à avaliação, à experiência, mas dotado de especificidades: a documentação como elaboração da experiência que faz emergir o sentido do vivido, o conhecimento do processo e a identificação do referencial teórico-metodológico da ação.

Dessa forma, na composição de uma documentação pedagógica na Educação Infantil, são valorizadas todas as formas de expressão do estudante, incluindo a fala nos momentos de rodas dialógicas. Trazendo nesse sentido, as contribuições numa perspectiva histórico-cultural, em que Vygotsky (1994) considera o desenvolvimento um processo dialético constituído pelo aspecto material e psíquico, social e individual na constituição do sujeito como ser social, cultural, histórico e humano.

Nesse sentido, as ações pedagógicas desenvolvidas, buscam estimular a curiosidade nos estudantes e sua participação ativa, considerando-o protagonista do seu processo de aprendizagem. E as propostas devem articular com práticas que considerem a diferença dos estudantes, como por exemplo o espectro autista, tanto nas participações, estimulando o envolvimento de todos estudantes, como nos processos avaliativos, a partir das observações e registros realizados. De acordo com Orrú (2008, p10):

No caso de pessoas com autismo, numa perspectiva de desenvolvimento e educação tradicional centrada na doença ou nos sintomas, suas condições normalmente encontradas envolvem dificuldades de aprendizagem, interação e comunicação, gerando certa complexidade no que se refere ao trabalho a ser realizado pelo educador. Porém, mesmo em tais circunstâncias, na perspectiva da abordagem histórico-cultural, espera-se um salto a ser dado por esse indivíduo, a partir do contexto de relações pessoais, das atitudes possibilitadas e envolventes do educador, e da ação mediadora dos signos. Na abordagem histórico-cultural encontramos um entendimento mais amplo e de expressiva clareza sobre a dialética do interior e do exterior, a partir da interação verbal como mediadora.

Vygotsky (1999) também contribui às nossas reflexões, pois mesmo não descartando os processos biológicos do ser humano, valoriza o contexto histórico e social no desenvolvimento. Além disso, ao relacionar pensamento e linguagem, ele compreende que quando o pensamento da criança se amplia, as palavras também passam por transformações,

até que surge a fala exterior (para os outros). Mas ressalta que antes dessa, existe uma fala interior, que é a fala para si mesmo, e que investigá-la é muito mais complexo, pois não temos a clara compreensão da sua natureza psicológica. Sendo assim, ao pensarmos em estudantes autistas que não vocalizam suas percepções, ou seja, são “não-verbais”, faz-se necessário modificar as formas de registros, já que eles não falam exteriormente, mas se utilizam de emoções, gestos e expressões faciais que representam as suas aprendizagens de forma significativa e com bastante sentido.

A partir dessas concepções, consideramos relevante produzir no decorrer do ano letivo de 2023 em nossa instituição escolar, para além do portfólio da turma, a documentação pedagógica de um estudante autista não-verbal pertencente ao primeiro período da Educação Infantil de uma escola pública, o qual denominamos aqui de João Carlos⁴. Esse material foi produzido de maneira digital, apresentando registros de seus momentos no espaço escolar, pelos quais buscamos conhecê-lo e as suas histórias; compreendendo-as como fundamentais na organização e reflexão sobre sua aprendizagem e o desenvolvimento.

Para além das atividades impressas, que compõem o portfólio anual da turma e também tem a sua importância no processo do estudante, a documentação individual nos permitiu anexar registros significativos por meio de fotos e vídeos, sendo possível organizar e descrever as imagens, contribuindo assim com a avaliação em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Dessa forma, cada registro estava carregado de expressões e mediações que a permitiram, de uma maneira mais representativa o possível, participar ativamente das experiências vivenciadas.

Importante destacar que na escola onde João Carlos estuda, as metodologias de ensino se baseiam na Pedagogia de Projetos, no Diário de ideias, e outras que surgem nos processos de pesquisa. Sobre Pedagogia de Projetos, Barbosa (1998, p. 2) define como:

[...] um dos modos de organizar o ato educativo que indica uma ação concreta, voluntária e consciente que é decidida tendo-se em vista a obtenção de alvo formativo determinado e preciso. É saber parar, na prática escolar, de uma situação-problema global dos fenômenos, da realidade fática e não da interpretação técnica já sistematizada nas disciplinas.

Já o Diário de ideias envolve a descoberta de novas possibilidades de experienciar, registrar e compartilhar ideias e experiências, pelas quais podemos identificar os interesses que permeiam o cotidiano de cada um do nosso grupo realizando planejamentos colaborativos, investigações, pesquisas e criação de objetos. (MUNIZ, 2020).

⁴ Nome fictício.

No desenvolvimento de ambas metodologias, é fundamental que ocorra o processo de mediação, que, numa visão também Vygotskyana “em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” (OLIVEIRA, 2002, p. 26). Ou seja, o processo da aprendizagem é social, histórico, cultural e acontece por meio da mediação, através da comunicação e das interações.

Diante das contribuições teóricas apresentadas, elencamos no presente trabalho como objetivo geral compartilhar a produção de uma documentação pedagógica, a partir dos registros de momentos e propostas desenvolvidas com João Carlos, um estudante autista não-verbal pertencente à Educação Infantil. Como objetivos específicos, temos: destacar ações pedagógicas de modo reflexivo; identificar e problematizar elementos individuais do estudante, coletivos, concretos e visuais para dialogar e refletir sobre ele; sinalizar processos do desenvolvimento e aprendizagem do estudante ao longo do ano.

Em consonância com o objeto de estudo, nossa metodologia fundamentou-se nos princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky (1994, 1998), abrangendo estudos sobre o autismo (ORRÚ, 2003,2008) e documentação pedagógica (BARBOSA; HORN, 2008), ancorados em perspectivas que concebem as contribuições da mediação e o estudante como sujeito de sua aprendizagem.

Nossas discussões transcorrem sobre a própria documentação, onde registramos as imagens, descrevendo nossas observações e refletindo sobre o processo do estudante em tópicos específicos, que podemos considerar como categorias a saber: *Experiência Sensorial; Busca sensorial; Processo de adaptação e Rotina Escolar*. A partir dessas especificidades, percebemos que o estudante foi experienciando diversas propostas pedagógicas e sociais que se revelaram importantes potencializadores do seu desenvolvimento; e assim os/as profissionais puderam compreender cada vez mais as especificidades, necessidades e preferências de João Carlos, conhecendo-o e realizando os ajustes pedagógicos, quando necessários, de maneira a contribuir com o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Nas palavras de Barbosa e Horn (2008), quando se dispõe a observar e a escutar a criança com sensibilidade e atenção, nessa relação está envolvido respeito profundo pelas crianças e um prazer óbvio em ouvi-las e em aprender com elas. Assim, se propôs documentar o percurso de João Carlos em 2023, considerando que as crianças são constituídas de linguagens expressivas e comunicativas, o que nos leva a entrarmos em contato com essas distintas manifestações humanas e registrá-las, também de maneira diversificada (FARIA; OLIVEIRA; VIEIRA, 2017).

Como resultados, identificamos que cada registro presente na documentação pedagógica está carregado de expressões e mediações que permitiram ao estudante autista não-verbal, de uma maneira mais representativa o possível, participar ativamente das experiências vivenciadas no cotidiano infantil.

Desde o momento da adaptação do João Carlos no espaço escolar, os/as profissionais foram o conhecendo, em suas preferências e características de seu comportamento a partir das propostas realizadas e das vivências no cotidiano e assim o estudante desenvolveu continuamente durante o ano letivo, ampliou suas experiências sensoriais, aproximando cada vez mais do que lhe é proposto, da funcionalidade dos objetos e das interações diversas. Ainda que apresentasse resistência a determinadas propostas, relações e espaços, João Carlos nos permitiu dialogar com ele, e assim conseguia participar mais ativamente, expressando-se bastante com o corpo, olhares e gestos, realizando as atividades e cumprindo os combinados.

Documentar o processo de um estudante autista não-verbal, concebido como ser *bio-sócio psico-histórico-cultural* (Orrú, 2003, p.1), de maneira individualizada, nos permitiu captar muito mais do que as ações em si, em que se avalia sobre algo que se pode ou não ser feito, mas registrar os movimentos que apenas os registros coletivos ou uma roda dialógica, mesmo sendo tão relevantes ao processo de aprendizagem do ponto de vista social e cultural, não bastariam para descrever de forma tão autoral sobre o desenvolvimento de João Carlos, por isso nos propomos à documentar os gestos, sorrisos, expressões e interações do nosso estudante, da maneira mais significativa e reflexiva o possível, considerando a sua fala interior, as suas singularidades.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada em uma instituição escolar pública da cidade de Uberlândia (MG), sendo a coleta de dados feita essencialmente da documentação pedagógica do estudante da Educação Infantil, de 4 anos de idade, que possui transtorno do espectro do autismo e se caracteriza como não-verbal, por ainda não vocalizar as palavras. Tal documentação faz parte dos instrumentos de avaliação produzido pela docente da turma sobre o estudante, com o olhar cuidadoso e descritivo contínuo da sua profissional de apoio, as quais num processo dialógico, registraram momentos do estudante no cotidiano escolar.

Sendo o caráter do estudo de cunho descritivo, a condução das reflexões se fez mediante a *abordagem qualitativa*, entendida por Minayo (2013, p.22) como

“aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”.

A investigação se tratou de uma *pesquisa documental*, já que envolveu uma análise primária sobre os registros fotográficos, de vídeos, descritivos e reflexivos acerca dos tópicos presentes na documentação pedagógica do estudante João Carlos, elencados como categorias: *Experiência Sensorial; Busca sensorial; Processo de adaptação e Rotina Escolar*. Tal documentação nunca havia passado por algum tipo de análise, indo ao encontro com o que nos traz Oliveira (2007, p.70) ao dizer que “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico”.

Além disso, considerando que o trabalho docente desenvolvido na Educação Infantil dessa instituição sustenta-se na vertente histórico-cultural, alinhamos nossas análises sob tal perspectiva, na medida em que Vygotsky compreende o sujeito como ser social, cultural e histórico, considerando suas vivências e suas relações com o outro. Como cada vez mais, temos o acesso de estudantes considerados público da educação especial na escola, em suas diferentes singularidades e ao compreender que as crianças são constituídas de linguagens expressivas e comunicativas, isso nos leva a entrarmos em contato com essas distintas manifestações humanas, sociais e culturais e assim registrá-las, também de maneira diversificada, nos propondo também a analisá-las de forma qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na produção da Documentação Pedagógica fez-se necessário elencar objetivos seguidos da avaliação do processo de alcance destes. Diante disso, a Documentação propriamente dita resulta da descrição de todo o processo da reflexão sobre ações e vivências que levam à construção destes objetivos como intervenções pedagogicamente desempenhadas na aplicação dos mesmos no cotidiano escolar de João Carlos. Dessa maneira, os impactos e efetividade da implementação das intervenções, e - a partir dos registros de cada etapa - a avaliação dos esforços idealizados e os processos de mediação desempenhados com a possibilidade comparativa dos registros por datas, tornou possível registrarmos e observarmos a incorporação das propostas no cotidiano e assimilação destas pelo estudante, e assim refletirmos a seguir sobre os tópicos categóricos: *Experiência Sensorial, Busca sensorial,*

Processo de adaptação e Rotina Escolar, apresentados na documentação para descrever, registrar e contribuir para referenciais futuros.

Considerando o estudante como sujeito protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, foi importante observar e levar em consideração as características e singularidades do estudante. Nesse sentido, na Documentação Pedagógica foi preciso também incorporar e valorizar suas expressões diversas, seus comportamentos e suas preferências. Em se tratando de um autista não-verbal, entende-se a relevância de descrever suas particularidades, preferências e tendências comportamentais apesar de estas estarem ou não associadas ao seu diagnóstico; mas ao reconhecer que muitas estejam, o registro contribui para a visualização de como essas expressões de João Carlos se manifestaram em relação a cada ambiente e atividade proposta nos diferentes espaços e ambientes do cotidiano escolar.

Assim sendo, documentar os movimentos, preferências e expressões de João Carlos para além do que tivemos no portfólio foi fundamental para percebermos o processo de aprendizagem e desenvolvimento do estudante, de maneira mais autoral, protagonista e fluida, de acordo com cada aspecto registrado, para assim propor as intervenções. Nesse sentido, a Documentação Pedagógica precisou captar e elucidar o movimento das iniciativas e respostas do estudante aos mais diversos estímulos que vivenciava. Conforme Barbosa e Horn (2008, p.112),

Todas essas formas de acompanhamento podem auxiliar os docentes a verificar os avanços significativos, as dificuldades e o próprio processo de construção de conhecimentos. Os alunos têm pontos de referência para localizar onde estão, onde podem chegar e como farão para conseguir isso. Ao mesmo tempo, os pais e a comunidade compreendem o que se passa na escola e podem, então, colaborar e também aprender

Compreendendo dessa forma, para a construção do registro da Documentação Pedagógica, o processo de estruturação do movimento dialógico do registro se deu simultaneamente como sintomático referencial e conclusões analíticas para fins pedagógicos, como quando, enquanto se articula o registro (por fotos, vídeos ou relatórios) se compreende também a possibilidade de partilha do próprio ato de vivenciar com o estudante, neste sentido, compreendemos e empreendemos esforços quanto às possibilidades inclusivas.

Dessa forma, os registros audiovisuais e descritivos visam contribuir com os diálogos junto à comunidade escolar quanto à compreensão dos processos bio-cognitivos do estudante; ou seja, contribui para o processo da inclusão escolar à medida que, durante a própria busca pelos registros se intensifica e legitima-se a experiência do estudante na qual se inspira os mais possíveis diálogos pedagógicos, uma vez que, registrando por datas o processo de

interação do estudante conclui-se, além das relações qualitativas possíveis do seu inerente desenvolvimento, a possibilidade de exercício didático-pedagógico à medida que o estudante, em sua significação ambiental, cultural e social, expressa sua autenticidade em resposta aos objetivos planejados e desafios propostos.

Quando consideradas as particularidades de João Carlos, destacamos nesse momento sobre o processo da sua *adaptação* ao ambiente escolar. Esse é um dos tópicos que buscamos descrever na documentação que, em relação direta com as afinidades do estudante, pode expressar e elucidar sua interação social e com o ambiente assim como as possibilidades de estímulos pedagógicos possíveis de serem introduzidos considerando suas formas de interação. No caso do estudante João Carlos, é importante considerar como suas atividades extracurriculares se manifestaram e impactaram em sua adaptação na escola, por exemplo: o dia da semana que necessitava de horário adaptado na sua chegada à escola e a ampliação gradativa de sua resistência ao sono devido também à sua rotina fora do ambiente escolar, com terapias e atendimentos especializados.

Nesse sentido, conclui-se produzindo um registro que evidencia seu cotidiano na escola como uma parte da sua rotina que não se dissocia das suas experiências fora dela, e nos leva ao encontro do que nos diz Orrú (2008, p.10):

Mesmo que o autismo possa gerar alterações temporárias ou permanentes e que, em decorrência dele, possam surgir incapacidades refletidas no desempenho e na atividade funcional da pessoa que implicarão em desvantagens em sua adaptação e interação com a sociedade, é possível haver possibilidades de compensação para se conseguir um desenvolvimento psicológico mais significativo, nos casos de deficiência e suas conseqüências. Tal compensação depende da existência de relações sociais e das mediações semióticas que tornam possível vencer os déficits.

Nesse sentido, mesmo em meio aos desafios de uma mudança de rotina para um estudante autista não-verbal, podemos dizer que o período de adaptação de João Carlos na escola foi um momento muito relevante de aproximação aos ambientes que fizeram parte do seu cotidiano escolar por muito tempo. Por isso, a fim de contribuir positivamente com esse processo, prezamos pelo acolhimento e ao mesmo tempo criação de vínculos, estimulando sua participação no cotidiano escolar conciliando esse movimento com a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante e também na assimilação dos combinados para que pudéssemos conviver em grupo de uma forma mais harmoniosa o possível.

Por conseguinte e considerando a trajetória assimilativa tal como processos de aprendizagem global do estudante, quanto mais possível registrar na documentação sobre as intervenções exercidas em plena vivência evidenciado a partir de fotos e vídeos das reações

que o estudante manifesta em resposta ao que lhe é proposto, mais cabe ao próprio ato de registrar e, por meio disso, reinterpretar a informação coletada, ressignificá-la, interpretá-la e por fim relatar os avanços de um processo que partem do estudante para a incorporação de análises e autoavaliação dos profissionais da educação envolvidos no processo do próprio estudante na busca da adaptação crítica e consciente quanto às possibilidades de sua intervenção didático-pedagógicas enquanto comunidade escolar.

Sendo assim, o processo de observar e perceber, compreendendo o estudante como um ser sujeito de sua aprendizagem, foi imprescindível para identificar as preferências e as características singulares do comportamento de João Carlos através do cotidiano escolar. Logo, reparar na maneira ímpar do estudante em experimentar, em descobrir e em assimilar é fundamental para estimulá-la em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, e, sobretudo, para contribuir e potencializar a sua permanência na escola.

Nesse viés, destaca-se a *experiência sensorial* como outro aspecto considerado primordial no processo de aprendizagem do estudante. A tendência de João Carlos em explorar e assimilar as situações, objetos e espaços por meio dos sentidos é uma de suas particularidades, característica essa significativa, utilizada como estimuladora de seu desenvolvimento. Nesse sentido, evidencia-se o seu modo individual de conhecer e de explorar objetos por meio do uso de seus pés como forma de estimular o desenvolvimento das suas percepções sensoriais. Sobre isso, Vygotsky (1999, p.78) contribui:

Todos estes conceitos se encontram ao mesmo nível, todos eles se referem diretamente a determinados objetos e são mutuamente delimitados da mesma turma que os objetos são delimitados: o pensamento verbal mais não é do que uma componente do pensamento sensorial, determinado pelos objetos.

Outrossim, realça-se a “água” como elemento extremamente atrativo para João Carlos. Ao realizarmos observações para conhecê-lo, o estudante revelou um comportamento de identificar fontes fornecedoras de água (como torneiras, bebedouros, mangueiras, poças d'águas etc.) e apresentar uma reação de interesse intenso ao conduzir suas partes sensoriais – como mãos, pés e boca - a fim de sentir a água. Além disso, salienta-se seu gosto por encaixar o seu dedo em torneiras, ligadas ou não, a fim de sentir e de observar a água espirrar (aspecto relacionado com sua busca sensorial expressa pelo interesse por buracos e fendas - registrada adiante) e de derrubar componentes líquidos para brincar e senti-los.

Entendendo esse processo de explorar, conhecer e assimilar situações e objetos como fator essencial para as experiências sensoriais, percebemos o interesse do estudante por brinquedos de encaixe, aspecto esse imprescindível que foi utilizado como recurso para

introduzir e incentivar atividades pedagógicas, jogos, brincadeiras, exercícios de coordenação motora, uma vez que o estudante manifestou mais curiosidade, desejo, entusiasmo e autonomia sobre essa experiência sensorial a partir do estímulo com esses brinquedos .

Ao captarmos tais movimentos de João Carlos, é notório como o brincar faz parte de grande parte das observações e registros realizados, considerando que o brinquedo possui implicações pedagógicas, constitutivas e estruturantes no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. (ARENA, LIMA E GARIBALDI, 2019). Vygotsky também nos leva a entender que a criança utiliza-se do brincar para enfrentar seus desafios e/ou dificuldades em seu processo de aprendizagem. Ou seja, “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não pelo dos incentivos fornecidos pelos objetos externos”. (VYGOTSKY,1994, p. 126).

Aqui então abordaremos sobre a relevância da *rotina escolar* no processo de aprendizagem de João Carlos. Ele chegava bem à escola, colocamos na rotina sempre momentos para que ele saísse pelo espaço escolar junto à profissional de apoio e durante as aulas especializadas que ele demonstrasse muita inquietação, sempre avaliado pela profissional e docentes. Assim, ele foi se apropriando cada vez mais de todas as aulas e momentos proporcionados no cotidiano escolar.

Outro aspecto importante nessa apropriação da rotina, diz respeito ao desenvolvimento da comunicação do estudante. Ao discutir a constituição da linguagem do estudante autista também numa abordagem histórico-cultural, Orrú (2008) ressalta a importância da utilização de formas suplementares de comunicação no processo de educação como um recurso que apoia a promoção do desenvolvimento da linguagem desse público.

Em consonância com essa concepção, a docente criou uma proposta em que João Carlos levava toda sexta para casa, e a família registrava os momentos vivenciados no final de semana por meio de fotos e escrita, colaborando com uma experiência inclusiva do estudante na roda da segunda-feira em que todos os estudantes compartilham como foi o seu final de semana, a qual deixou de ser meramente oral e passou a ser também visual. Além disso, foi dialogado com a família sobre a necessidade de produção de uma rotina visual, com vistas à antecipação de acontecimentos, com fotos dos momentos e pessoas que fazem parte de suas principais vivências, para o apoiar e ele se manter por mais tempo nas propostas ou nos diferentes espaços educativos.

Diante das análises realizadas, podemos afirmar que ainda que João Carlos se apresentava no decorrer do ano letivo como um estudante não-verbal, constatamos que foi

possível estabelecer comunicação por meio de nossas mediações e a documentação foi fundamental. O ato de atentar-se e documentar seus gestos, sorrisos, expressões e interações singulares contribuíram inestimavelmente para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, fornecendo dados para a realização da atual pesquisa. Vale notar que essa concepção amplia a compreensão e a interpretação do processo de exploração e de conhecimento do estudante, sobretudo em relação ao seu modo aprendizagem, e em conjunto com o aspecto sensorial, são possibilitados processos significativos de aquisição de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizado, podemos destacar a importância da mediação no processo de aprendizagem e desenvolvimento de João Carlos, de maneira processual, de forma a ampliar sua participação e interação com o espaço escolar, nas propostas, com seus colegas, com os/as profissionais e ambientes educativos.

À profissional de apoio que participou integralmente dos momentos junto a João Carlos, produzir a documentação pedagógica lhe possibilitou modificar olhares e intervenções e desenvolver estratégias mediacionais que contribuíram para ampliar a participação do estudante e de atenuar processos de negação na realização das propostas, no estabelecimento de vínculos e na aproximação funcional com os objetos concretos. À docente, a produção da documentação lhe permitiu criar e inovar sua prática, a partir de diferentes recursos de avaliação de um estudante autista não-verbal, e ampliar as possibilidades do trabalho colaborativo de parceria com a profissional de apoio, demais profissionais e família, em que todos/as atuam como agentes de mediação, buscando contribuir com as aprendizagens de João Carlos no processo educacional.

Analisando o material e os processos de criação da documentação, visualizamos que permitimos à família, ao visitar a documentação junto ao seu filho, produzir processos sensíveis de resgate à memória e ao mesmo tempo identificar e refletir sobre as experiências dele com os/as profissionais da escola e sua turma.

Sob essas considerações, é que refletimos sobre a importância de se investigar e propor contribuições sobre as diferentes estratégias de documentar pedagogicamente o processo de aprendizagem e desenvolvimento de estudantes autistas não-verbais no contexto escolar na Educação Infantil, buscando ampliar as habilidades em refletir, compreender, problematizar e sistematizar as práticas educacionais e novas pesquisas na perspectiva

histórico-cultural, em que valorizamos todas as formas de expressão nas observações e nos registros pedagógicos realizados sobre os processos desses estudantes.

REFERÊNCIAS

- ARENA, Adriana Pastorello Buim; LIMA, Luciany Cristina de; GARIBALDI, Rochele Karine Marques. O Brincar e a inclusão de uma aluna com síndrome de Down na sala comum. In: GODOI, Eliamar; FERREIRA, Eliana Lucia; TAKAKURA, Flávio Iassuo (Org). **Análise das políticas públicas de inclusão e o diálogo entre os diversos atores do processo educacional**. Juiz de Fora : NGIME/UFJF, 2019.
- BARBOSA, MC.S; HORN, M.G.S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília : MEC, SEB, 2010.
- FARIA, Paula Amaral; OLIVEIRA, Pâmela Faria; VIEIRA, Analucia Moraes. Registros Pedagógicos na Educação Infantil: constituindo-se professor/a com crianças. In: NETO, A. Q; SILVA, F.D.A; SOUZA, V.A. **Formação e Trabalho docente: história, políticas educacionais e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2017.
- MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. **Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 413-428, set./dez. 2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v20n44/v20n44a02.pdf>, Acesso em 10 de mar. 2024.
- MINAYO, M. C de S. O Desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MUNIZ, Luciana Soares. Diário de ideias: linhas de experiências. Uberlândia: Edufu, 2020. Disponível em [Diário de ideias: linhas de experiências](#), Acesso em 10 mar. 2024
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, Vozes, 2007
- ORRÚ, Sílvia Ester. A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Vol. 33 Núm. 1 (2003): Número especial
- ORRÚ, Sílvia Ester. Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Vol. 45 Núm. 3 (2008): Número especial
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem** São Paulo: Martins Fontes, 1999.